

CINEMATECA PORTUGUESA – MUSEU DO CINEMA

MALAMOR/Tainted Love – REALIZADORES CONVIDADOS: JOÃO PEDRO RODRIGUES E JOÃO RUI GUERRA DA MATA

com a BoCA – Bienal de Artes Contemporâneas

15 de outubro de 2025

13 ALFINETES (versão de trabalho) / 2025

um filme de JOÃO PEDRO RODRIGUES e JOÃO RUI GUERRA DA MATA

Realização e argumento: João Pedro Rodrigues, João Rui Guerra da Mata / *Direcção de fotografia:* Rui Poças / 1.º assistente de imagem: Nuno Ferreira / Super 8mm: João Pedro Rodrigues, João Rui Guerra da Mata / *Chefe eletricista:* Mário Soares / *Chefe maquinista:* Horácio Gonçalves, Alejandro Catena / *Direcção de som, montagem e misturas:* Nuno Carvalho / *Perche:* António Pedro Figueiredo (Copi) / *Decoração:* José Pedro Penha / *Aderecista:* Carlotta Sempere / *Figurinista:* Patrícia Dória / *Chefe de guarda-roupa:* Diogo Miguel / *Maquilhagem, cabelos e caracterização:* Raquel Laranjo / *Montagem:* Pedro Teixeira / *Correção de cor:* Gonçalo Ferreira / *Efeitos visuais:* Irmã Lúcia / *Assistentes de realização:* Paulo Guilherme (1.º), Rita Nogueira (2.º) / *Anotação:* Gonçalo Pina / *Interpretação:* Fernando Santos (Santo António, Deborah Krystall), Alexander David (Zombie, Vítima do crime), Cláudia Jardim (Assassino, Santa Teresa d'Ávila, Guia turística), João Pedro Mamede (Padre), Paulo Guilherme (Sacristão), Diogo Nogueira (pintor) / *Anjes:* Cindy Sc rash, Jenny Larrue, Cassandra Martins, Dai Ida, Diogo Pereira, Eduardo Guimarães, Fili Ribeiro, Fred Marcelino, Joel Batista, Lua Soares, Mário Raposo, Rúben Nunes, Xin Yum / *Lisboetas:* Ana Castela, Anderson Pereira, Andreia Neves, António Chaves, Carlos Brito, Diogo Nogueira, Doroteia Petruccio, Fabiene Araújo, Gaspar Fiadeiro, José Bertolo, José Teles, Kai Kong, Karim Matos, Leandro Lopes, Maria Gomes, Mariana Santos, Maribela Garrana, Napoleão Gaudêncio, Ranía Ferreira, Ricardo Ganur, Rosário Brito, Sofia Rico, Sophia Prioste, Soraia Almada, Theresa Cabau, Vanessa Muchanga / *Fieis católicos:* Maria da Conceição Fernandes, António Pedro Figueiredo (Copi), Joana Vaz da Silva.

Produção: Filmes Fantasma, Terratreme Filmes, Vitrine Filmes (Portugal, Espanha, 2025), com apoios do ICA, CML, LFC e BoCA – Bienal de Artes Contemporâneas / *Produção associada:* La Casa Encendida / *Produtores:* João Pedro Rodrigues, João Matos, Silvia Cruz, Julieta Juncadella / *Produção executiva:* Tiago Alves Simões, Julietta Juncadella, Renatto Mendonça / *Direção de produção:* Joana Vaz da Silva / *Chefes de produção:* Rui Ferreira, Martin Busel / *Revelação:* ANDEC / *Digitalização Super 8mm:* Pedro Maia / *Cópia:* DCP, colorida, falada em português, castelhano, inglês, legendada em português, legendada eletronicamente em português / *Duração:* 60 minutos / *Primeira exibição na Cinemateca.*

A sessão contará com uma apresentação de João Pedro Rodrigues e João Rui Guerra da Mata.

A BoCA – Bienal de Artes Contemporâneas convidou-nos a fazer uma curta-metragem para esta edição da bienal, em 2025, que se divide entre Lisboa e Madrid. Dois países vizinhos que, finalmente, têm ousado quebrar fronteiras e idiossincrasias. Madrid foi a cidade das primeiras viagens sozinho do João Pedro, ainda adolescente. Lisboa é a cidade que temos filmado desde o nosso centro, o Bairro de Alvalade, até nos conseguirmos escapar dela, derivas que nos levaram a Trás-os-Montes e, ainda mais longe, a Macau e à Ásia, onde o João Rui passou os seus anos de formação. Mas a mitologia de Lisboa, a mitologia portuguesa, continua a perseguir-nos. Uma das questões centrais do nosso trabalho tem sido a forma como essas mitologias vivem em nós e no nosso presente coletivo. O John Romão, director artístico da BoCA, lembrou-nos a «obsessão» do João Pedro pela Ermida de San Antonio de la Florida, de que tantas vezes lhe falámos (o John foi actor no filme **Morrer Como Um Homem**). E lembrámo-nos que da última vez que a visitámos, em 2023, quando o último filme do João Pedro, **Fogo-fátuo**, estreou comercialmente em Espanha, tinha sido restaurada. As cores sombrias de Goya explodiam no seu máximo fulgor.

O mito de Santo António, presença incontornável na vida portuguesa, tem-nos seguido desde **Morrer Como Um Homem**, de 2009, onde Tonia, a personagem principal, recitava o famoso Responso a Santo António para encontrar objetos perdidos, passando pela curta **Manhã de Santo António**, de 2012, já filme de

zombies numa madrugada de 13 de Junho, até **O Ornitólogo**, de 2016, uma espécie de *biopic* alegremente iconoclasta da figura do santo.

A tradição madrilena, iniciada pelas costureiras devotas a Santo António, que no dia 13 de Junho, dia da festa do santo, deitavam 13 alfinetes na pia de água benta da Ermida de la Florida, colocavam sobre eles a mão e, conforme o número de alfinetes que se espetassem na palma, sabiam quantos pretendentes teriam no ano seguinte, foi algo que aprendemos ao pesquisar sobre esta Verbena madrilena de tradições muito antigas, equivalente às nossas Festas da Cidade.

A forma deste filme mistura a ficção experimental de terror a uma espécie de tragicomédia, na senda satírica ibérica. Convocámos parceiros de filmes anteriores – Fernando Santos/Deborah Kristall e Alexander David de **Morrer Como Um Homem**, Cindy Crash de **A Última Vez Que Vi Macau**, Cláudia Jardim de **Fogo-Fátuo** e outros – para, finalmente, nos ajudarem a esconjurar esta figura que nos persegue. Tal como os frescos de Goya que, apesar de representarem um mito sagrado, o transcendem e «profanam», abrindo-o à sociedade da sua Madrid do século XVIII, esquecendo qualquer realidade temporal (o mito passou-se no século XIII), ou localização geográfica (passou-se em Lisboa). Porque o que nos interessa, ousaríamos dizer que como a Goya, é como a História, feita de mitos e contradições, vive em nós, como corre nas nossas veias, como é real. E essa realidade, próxima da prestidigitação, só no e com o cinema a conseguimos evocar.

Em cada novo filme gostamos de nos colocar novos desafios, temáticos ou técnicos. Vivemos obcecado com a ideia de não nos repetirmos, de procurar sempre um caminho que ainda não percorremos ou que nem sonhámos traçar. Descobrimo-lo com o «fazer», sabemos que é esse o segredo do trabalho artístico. Filmámos no formato IMAX: *Aspect ratio* 1.43:1 (hoje na Cinemateca, além de passar uma “versão de trabalho” porque ainda não conseguimos terminar o filme, e apesar do formato projectado respeitar o *Aspect ratio* com que filmámos, o ecrã e a projecção não é IMAX). Sendo um filme que parte dos frescos de Goya na Ermida de la Florida, pinturas que se adaptam às formas da arquitectura, nomeadamente arcos, abside e cúpula, faz todo o sentido homenageá-las (porque também de uma homenagem se trata) num gigantesco ecrã côncavo. O cinema sempre esteve próximo das questões de espaço, da arquitectura e, nos tempos de hoje – de abandono das salas de cinema – essa espectacularidade ainda parece fazer mais sentido. Para conjugá-la com as personagens de que os frescos de Goya estão repletos: dúbias, misteriosas, fluídas. Até nisso são modernos.

João Pedro Rodrigues + João Rui Guerra da Mata